

1

Estado Atual da Questão

I.

A presença do tema da magia e a incidência de termos dessa natureza na carta de Paulo aos Gálatas constitui-se como um contundente indício para o estudo das relações ente magia e proto-cristianismo. Porém, pela economia do texto, opta-se por eleger um desses termos ligados ao campo da magia para uma análise mais detalhada. De especial atenção é a atestação do verbo βασκαίνω presente em Gálatas 3,1. A intrigante e singular ocorrência do termo nessa carta está longe de ser um fato isolado, irrelevante²⁶.

A atestação desse termo na antiguidade abre janelas para um espectro cultural muito amplo e objeto de análise desse estudo, pois as implicações desse recurso retórico no escopo da carta são muito vastas. Dos inúmeros termos citados que estão presentes na carta esse é, talvez, o que melhor exemplifique a atestação de amplas interações culturais e profunda pertinência do ambiente mágico nas comunidades proto-cristãs, no geral, e paulinas, no particular.

Considerando a presença da realidade mágica com a qual Paulo dialoga e se identifica no texto à comunidade Gálata a parcial conclusão inferida é que o meio em que estava inserida essa comunidade estava longe de ficar à parte de práticas culturais próprias de seu tempo, como se houvera sido transportada diretamente do imaculado céu, perfeita, unívoca e intacta, ao contrário: interagiu intensamente com culturas das mais diversas partes do mundo antigo, bem como buscava identidade própria sendo interpelada pelas diversas correntes que faziam parte das inúmeras comunidades cristãs dispersas ao redor do Mediterrâneo.

II.

Em algumas passagens desse texto já se tornou evidente o desconforto de comentaristas e exegetas com a presença desse elemento mágico no que se refere à imagem de Paulo. Uma vez delimitado o objetivo de investigar se a imagem construída de Paulo, ao longo da história da tradição cristã, condiz com a que o

²⁶ Curioso é notar que o artigo CALLAN, 2007 em que a análise de toda a redação da carta de Paulo aos Gálatas é proposto, sob o ponto de vista filológico, sequer há uma só menção ao verbo βασκαίνω em todo o texto.

texto bíblico revela, passar-se-á, agora, a perceber como essas etapas de construção dessa imagem se deram a partir da análise de apenas um texto da carta aos Gálatas selecionada.

Assim, na história da interpretação²⁷ do texto de Gálatas 3,1, de maneira didática apenas, é possível perceber três categorias em que se enquadram as posturas dos estudiosos frente à leitura e interpretação desse texto, a saber: (a) sem atenção ao contexto mágico e / ou percepção do sentido mágico, mas dispersão para outra explicação; (b) ponto de transição entre a negligência de atribuir ao texto caráter mágico e a inserção contextual da passagem em seu ambiente mágico originário; e, finalmente, (c) Resgate, aprofundamento e outros olhares para o texto a partir de um contexto mágico.

A partir então dessa tipologia, bem entendido: o critério para a observação da bibliografia proposta gira em torno do eixo/tema - atenção que os comentadores conferem ao tema da “magia” - observando detalhadamente caso por caso têm-se, como exemplos²⁸, os que abaixo seguem.

1.1.

Sem atenção ao contexto mágico e / ou percepção do sentido mágico, mas dispersão para outra explicação:

Contando com a paciência do leitor, ansioso por observar (pelo menos essa é a expectativa deste escritor), *in loco*, o que os comentaristas do texto dizem sobre o objeto de pesquisa desse texto, é mister fazer aqui uma breve observação a

²⁷ Uma linha cronológica e analítica para o estudo da história da interpretação de Gl 3,1 se faz presente no artigo de NANOS, 2000, bem como de EASTMAN, 2001. Porém, mesmo aproveitando o trabalho desses intelectuais, ora esse texto se aproxima das mesmas análises e / ou conclusões, ora se afasta delas tomando para si outros olhares bem como a citação de outras obras exemplares no contexto da análise histórica dessas leituras diversas do texto paulino.

²⁸ A bibliografia selecionada para essa etapa do texto, ou seja, situação atual da questão, obedece a três critérios, a saber: (i) relevância da obra em contexto acadêmico. Isso quer enfatizar que as obras selecionadas para esse histórico aqui estão elencadas dada a importância e perpetuação de suas análises nos diversos comentários subsequentes a essas obras; isso posto, sublinha-se aqui o caráter referencial que tais comentários constituíram-se no contexto do estudo sobre Gálatas. (ii) a atenção que tais textos dispensam ao ambiente mágico inerente ao emprego do verbo βασιλεύω. E, por fim, (iii) a representatividade que tais obras possuem em sua inserção global de produção acadêmica, isto é, as grandes escolas de intelectuais que se debruçaram sobre o tema. Esse texto referenda as escolas interpretativas francesa, inglesa, alemã, italiana, norte-americana e brasileira. Cada uma dessas filiações indicadas pela nacionalidade de seus autores, bem como o seu local de fala contextual. Esse texto assume qualquer ônus pela “classificação” indevida que venha a postular sobre os autores citados no que se refere a sua filiação de “escola de pensamento” vinculada ao seu país de origem.

respeito do andamento dessa primeira etapa. Optou-se, nesse trabalho, por elencar, didaticamente, como acima exposto, três categorias em que buscar-se-á “classificar” os comentaristas, segundo seu ponto de vista de Gl 3,1.

Em geral, os autores que serão citados a seguir adotam a conduta de não se deter no sentido mágico do texto desviando seus olhares para outras interpretações. Porém, seria forçoso fazê-los concordar sob uma única rubrica, arbitrada por esse trabalho, tendo em vista a diversidade de argumentos que propõem.

Dessa forma, o que se pode perceber é o proceder distinto de cada autor quanto ao que entendem sobre o sentido de Gl 3,1, ou seja, (a.1) há autores²⁹ que negam veementemente a pertença ou sequer diálogo paulino com o ambiente mágico. De outro modo, (a.2) há aqueles³⁰ que optam por enunciar o fato do texto apresentar uma ironia ou metáfora no emprego do vocabulário em questão por parte de Paulo.

De forma semelhante, mas com pequenas nuances, (a.3) há também quem³¹ considere o tema do ambiente mágico, mas explica o emprego do termo como metáfora ou através de uma caracterização negativa. Enquanto que (a.4) para outros³² a análise ou menção do termo em seus comentários inexistente. E, finalmente, (a.5) SCHNEIDER, 1964 e BRUCE, 1982 sublinham o fato que o dito de Paulo sobre o acontecimento aos Gálatas não é um fenômeno humano, mas a caracterização negativa que faz do mesmo parece indicar uma tentativa de tangenciar a questão central.

Os parágrafos acima, que precedem a descrição objetiva dos comentaristas mencionados, tem o seu propósito justificado se comparado com o que NANOS (c), 2000 efetua em seu texto. Já foi destacado, na nota acima, que este texto dialoga com a linha analítica-cronológica proposta no artigo citado, porém duas observações críticas merecem ser consideradas.

²⁹ É o caso de Crisóstomo e Jerônimo, ambos localizados, do ponto de vista cronológico entre os séculos IV e V da era comum, bem como o de Lutero e Calvino, ambos cristãos do século XVI.

³⁰ BURTON, 1921, RIDDERBOS, 1957, VIARD, 1964, NEIL, 1967, DELLING, 1972, BETZ 1979, BARBAGLIO, 1980 e LONGENECKER, 1990.

³¹ SCHLIER, 1974; LUHRMANN, 1992; WILLIAMS, 1997; MARTYN, 1997; WITHERINGTON, 1998; (DUNN, 1993; HANSON, 1994; MATERA, 1992; ESLER, 1998) *Apud*, NANOS, 2000.

³² É o caso de COTHENET, 1985; GIAVINI, 1987 e CALLAN, 2007.

A primeira delas quer enfatizar que o texto de NANOS (c), 2000, nas páginas 2 e 3, entende que a história da interpretação de Gl 3,1 dividiu-se em quatro momentos: (i) falha em iluminar o contexto histórico original; (ii) tendência a atribuir um sentido metafórico ao verbo βασκαίνω; (iii) ponto de inflexão na leitura do verbo a partir das publicações de ELLIOTT, 1990 e NEYREY, 1988; e, finalmente, (iv) maior preocupação, por parte dos comentaristas em discorrer sobre o tema, mas a tendência em atribuir aos “judaizantes” o mal causado pelo desvio da doutrina paulina.

O que essa tipologia parece indicar é certa sincronia na produção bibliográfica e gradativa compreensão do que está se tratando no texto. A seguir, tanto nesse próximo tópico (a) quanto nos outros dois (b) e (c), o que se pretende demonstrar é que a compreensão do ambiente mágico, pertencente ao contexto originário da passagem, nada tem a ver com o percurso cronológico da produção bibliográfica a respeito do tema.

Antes, demonstra muito mais a que leitura (talvez a metáfora da “lente”, “filtro de leitura”) que se faz do texto, independentemente da data de sua produção, está vinculada a que olhar teológico ou doutrinário se quer empregar no texto de Paulo. Essa observação não invalida a tese de Nanos, mas apenas quer trazer à luz o escopo da análise a seguir.

1.1.1. negação da pertença ou diálogo paulino com o ambiente mágico:

O primeiro autor a ser observado desde o ponto de vista estabelecido por esse critério é João Crisóstomo (349 a 407 e.c.). Para o verso 1 de Gálatas 3, ele apresenta a seguinte tradução:

“Oh, tolos Gálatas, quem vos enfeitiçou, ... ante cujos olhos Jesus Cristo tem sido evidentemente estabelecido, crucificado entre vós!³³” (CHRYSTOSTOM, John S., tradução de PARKER, John Henry, RIVINGTON, F, and RIVINGTON, J., 1845, p. 48).

³³ Tradução de: “O foolish Galatians, who hath bewitched you, ... before whose eyes Jesus Christ hath been evidently set forth, crucified among you!”

De imediato, o termo que emprega para o verbo βασκαίνω é “enfeitiçar”, o que, desde o ponto de vista que esse texto quer demonstrar, condiz com a referência ao ambiente mágico. Sobre essa passagem específica, o autor comenta:

“Implica que suas [as de Paulo] ações anteriores tinham despertado ciúmes, e que a situação atual surgiu da maldade do demônio, cujo hálito tinha explodido o seu estado próspero. E quando vós ouvirdes falar de ciúme nesse lugar, e no Evangelho de um olho mau, que significam a mesma coisa, vós não deveis supor que o passar de olhos tem qualquer poder natural de ferir os portadores. O olho, ou seja, o órgão em si, não pode ser mau; mas Cristo naquela situação quis se referir a ciúmes usando o termo. Contemplar, simplesmente, é a função do olho, mas contemplar maldosamente está contido e pertence a uma mente depravada. Através desse sentido o conhecimento dos objetos visíveis entra na alma e como o ciúme é para a maioria gerada pela riqueza, e a riqueza e pompa são percebidas pelo olho, pois ela chama o mau-olhado; não como uma mera contemplação, mas como forma contemplativa de ciúme de uma depravação moral. Assim, com as palavras, *Quem vos olhou com inveja*, ele quer dizer que as pessoas em questão atuaram, não em preocupação, não para apontar defeitos, mas mutilar o que existia. Por inveja, longe de abastecer o que está querendo, subtrai o que é completo e vicia o todo. E ele fala dessa maneira, não como se a inveja má tivesse algum poder por si mesma, mas querendo dizer, que os mestres dessa doutrina assim fizeram por motivos de inveja³⁴.” (CHRYSTOSTOM, John S., translated by PARKER, John Henry, RIVINGTON, F, and RIVINGTON, J., 1845, p. 49).

Do comentário acima, algumas observações são pertinentes: (i) atribuição do mal causado ao demônio, muito embora, no texto, essa grandeza não esteja representada; (ii) harmonização de conteúdo entre o que está posto em Gl 3,1 com o que está presente em Mt 6,23; (iii) deslocamento interpretativo da ação do olho, ou seja, ao invés do ato possuir alguma dimensão sobrenatural má em si, a explicação é natural, assim, estabelece-se que o sentido usado por Paulo é a inveja; (iv) “mente depravada” e “depravação moral” são características da mente

³⁴ Tradução de: “For it implies that their previous actions had excited jealousy, and that the present occurrence arose from the malignity of a demon, whose breath had blasted their prosperous estate. And when you hear of jealousy in this place, and in the Gospel of an evil eye, which means the same, you must not suppose that the glance of the eye has any natural power to injure the beholders. For the eye, that is, the organ itself, cannot be evil; but Christ in that place means jealousy by the term. To behold, simply, is the function of the eye, but to behold evilly belongs to a mind depraved within. As through this sense the knowledge or visible objects enters the soul, and as jealousy is for the most part generated by wealth, and wealth and sovereignty and pomp are perceived by the eye, therefore he calls the eye evil; not as beholding merely, but as beholding enviously from some moral depravity. Therefore by the words, *Who hath looked enviously on you*, he implies that the persons in question acted, not from concern, not to supply defects, but to mutilate what existed. For envy, far from supplying what is wanting, subtracts from what is complete, and vitiates the whole. And he speaks thus, not as if envy had any power of itself, but meaning, that the teachers of these doctrines did so from envious motives”.

do agente invejoso; e, por fim, (v) algumas pessoas, “mestres de doutrinas” estavam ensinando coisas ruins aos destinatários.

Sob a ação atribuída ao verbo βασκαίνω está, na verdade, a presença de outras pessoas que pretendem “mutilar o todo” e desviar o ensino que Paulo a eles havia legado. Portanto, essa idéia original de Crisóstomo é uma das quais será perpetuada pelos comentaristas bíblicos. Aqui, exatamente com esse autor, é que essa noção ganha lugar pela primeira vez.

Considerado Crisóstomo, nessa primeira categoria cronológica, passa-se então a observar outro importante comentarista do texto de Gálatas, também da antiguidade tardia, contemporâneo a Crisóstomo, Jerônimo (347 a 420 e.c.). A tradução que propõe ao texto de Gl 3,1 é a que segue:

“Oh tolos Gálatas! Quem vos enfeitiçou, diante cujos olhos Jesus Cristo foi publicamente retratado como crucificado?”³⁵ (JEROME, translated by EDWARDS, Mark J., 1999, p. 34).

Assim como Crisóstomo, Jerônimo traduz o termo βασκαίνω por “enfeitiçar”, mas comenta:

“Devemos expor o que segue – *Quem vos enfeitiçou?* – de uma forma digna de Paulo, que mesmo áspero em seu discurso não é muito em seu entendimento. Isso não deve ser interpretado de tal forma a tornar Paulo legitimador da bruxaria que é popularmente presumível a causar mal. Ao contrário, ele usou uma expressão coloquial, e assim como em outros lugares, aqui ele adotou uma palavra de discurso cotidiano... Da mesma forma como os bebês recém-nascidos seriam prejudicados por feitiçaria, assim também os Gálatas, recém-nascidos na fé de Cristo e nutridos com leite, não alimento sólido, foram feridos como se alguém tivesse lançado um feitiço sobre eles³⁶.” (EDWARDS, Mark J., 1999, p. 35).

A postura adotada por Jerônimo nesse comentário é a de suavizar o escrito paulino. Ainda, a intenção é de eximir Paulo de qualquer ligação ou legitimação com a bruxaria ou contexto mágico. Antes, trata-se apenas de um termo do

³⁵ Tradução de: “O foolish Galatians! Who has bewitched you, before whose eyes Jesus Christ was publicly portrayed as crucified?”

³⁶ Tradução de: “We must expound what follows – *Who has bewitched you?* – in a way worthy of Paul, who even if rough in this speech is not so in his understanding. It must not be interpreted in such a way as to make Paul legitimize the witchcraft that is popularly supposed to do harm. Rather he has used a colloquial expression, and as elsewhere so here he has adopted a word from everyday speech... In the same way as tender infants are said to be harmed by witchcraft, so too the Galatians, recently born in the faith of Christ and nourished with milk, not solid food, have been injured as though someone has cast a spell on them.”

cotidiano. A idéia que Jerônimo quer defender é que o Apóstolo estaria usando uma metáfora para ilustrar o dano que estava sendo causado aos “recém-nascidos” na fé, valendo-se da referência que faz a 1Coríntios 3,2.

Enquanto Crisóstomo reputa o dano causado aos Gálatas a “mestres de doutrinas”, e inaugura essa leitura, Jerônimo, por sua vez, estabelece a completa ruptura da imagem do Apóstolo aos gentios com o ambiente mágico. Muito embora o próprio comentarista reconheça o uso cotidiano desse verbo, mas enfatiza a distância que Paulo está desse ambiente mágico.

A tradição estabelecida pelos comentaristas conhecidos como “pais da igreja” não sofre alteração significativa na Era medieval, mesmo porque é nesse momento histórico que a Tradição Eclesial é solidificada. Mesmo o “ruído” produzido pela Reforma Protestante nos estudos e interpretações bíblicas, nesse caso em particular, não alterou significativamente o horizonte de compreensão do texto.

Assim Lutero (1483 a 1546) traduz o texto:

“Oh tolos Gálatas. Quem vos enfeitiçou, para que não deva obedecer à verdade? Quem tem vos enfeitiçado? Para que não deva obedecer a verdade. Diante de cujos olhos Jesus Cristo tem sido evidentemente estabelecido crucificado entre vós³⁷.” (LUTHER, 1939, p. 84-87).

O fato mais notável nessa tradução de Lutero é a ampla utilização que faz de elementos de crítica textual presentes no texto de Gálatas, ou seja, segundo o autor alemão, é fundamental agregar ao texto as variantes textuais que aparecem nos diversos manuscritos dessa passagem afim de (i) harmonizar os manuscritos e, (ii) detalhar de forma mais ampla o conteúdo do texto³⁸.

Para essa tradução que estabelece ao texto, Lutero a desmembra em pequenas assertivas e as comenta, seguem trechos mais relevantes do ponto de vista do reformador para o tema da magia que interessa a esse texto:

“Verso 1: *Quem vos enfeitiçou, para que não deva obedecer à verdade?* Paulo chama os Gálatas de tolos e enfeitiçados. No quinto capítulo ele menciona

³⁷ Tradução de: “O foolish Galatians. Who hath bewitched you, that ye should not obey the truth? Who hath bewitched you? That ye should not obey the truth. Before whose eyes Jesus Christ hath been evidently set forth crucified among you.”

³⁸ O tema da crítica textual ao texto de Gálatas será trabalhado na próxima seção, a saber, a exegese da perícopa de Gálatas 3, 1-5.

feitiçaria entre as obras da carne, declarando que bruxaria e feitiçaria são ações de reais manifestações e legitimações do demônio. Nós todos estamos expostos à influência do demônio, porque ele é o príncipe e deus do mundo em que vivemos³⁹. ” (LUTHER, 1939, p. 85).

De imediato, Lutero atribui as práticas de feitiço e bruxaria ao demônio e classifica esse como “príncipe e deus do mundo”. E continua:

“Não pense que os Gálatas foram os únicos a ser enfeitiçados pelo demônio. Vamos perceber que nós também podemos ser seduzidos por Satanás⁴⁰. ” (LUTHER, 1939, p. 85).

O comentário acima segue enfatizando a ação de Satanás, porém agora identificando as ações acontecidas aos gálatas com os leitores do texto de Lutero. À guisa de aprofundamento, prossegue Lutero:

“Verso 1. *Quem vos enfeitiçou?* Nessa sentença Paulo perdoa os Gálatas, enquanto atribui a falsos apóstolos a apostasia dos Gálatas. Como se ele estivesse dizendo: ‘Eu sei que sua deserção não foi intencional. O diabo enviou os falsos apóstolos a vocês, e eles falaram no sentido de acreditarem que vocês são justificados pela Lei. Com essa nossa epístola nós nos esforçamos para desfazer o dano que os falsos apóstolos infligiram em vocês.’”

[...]

“A magia espiritual do diabo cria no coração uma idéia errada de Cristo. Aqueles que compartilham da opinião que a pessoa é justificada pelas obras da Lei, são simplesmente enfeitiçadas. Sua crença vai contra a fé e Cristo⁴¹. ” (LUTHER, 1939, p. 85-86).

Além da premissa que o feitiço vem do diabo, uma nova categoria de encantadores aparece no trecho, ou seja, “os falsos apóstolos” que são observantes da “Lei”. Essa idéia é introduzida no texto por Lutero pela transformação do discurso direto de Paulo em discurso indireto refeito pelo comentarista. A

³⁹ Tradução de: “VERSE 1. *Who hath bewitched you, that ye should not obey the truth?* Paul calls the Galatians foolish and bewitched. In the fifth chapter he mentions sorcery among the works of the flesh, declaring that witchcraft and sorcery are real manifestations and legitimate activities of the devil. We are all exposed to the influence of the devil, because he is the prince and god of the world in which we live”.

⁴⁰ Tradução de: “Do not think that the Galatians were the only ones to be bewitched by the devil. Let us realize that we too may be seduced by Satan.”

⁴¹ Tradução de: “VERSE 1. *Who hath bewitched you?* In this sentence Paul excuses the Galatians, while he blames the false apostles for the apostasy of the Galatians. As if he were saying: ‘I know your defection was not willful. The devil sent the false apostles to you, and they talked you into believing that you are justified by the Law. With this our epistle we endeavor to undo the damage which the false apostles have inflicted upon you’.”

[...]

“The spiritual witchery of the devil creates in the heart a wrong idea of Christ. Those who share the opinion that a person is justified by the works of the Law, are simply bewitched. Their belief goes against faith and Christ.”

fronteira delimitada então passa a ser: quem acredita que “a pessoa é justificada pelas obras da Lei, são simplesmente enfeitiçadas” de um lado e, de outro lado, a fé em Cristo que é diametralmente oposta.

Nessa fronteira que estabelece, Lutero parece retomar, e ampliar, o que dizia Crisóstomo sobre os “mestres de doutrinas”, bem como, consoante a Jerônimo, desvincula Paulo desse contexto mágico ao dizer que o próprio apóstolo tachou de “obras da carne” e do diabo esse comportamento mágico.

Outro importante teórico da Reforma Protestante, João Clavino (1509-1564), que em muitos pontos divergia de Lutero, também se ocupa na tradução e comentário do mesmo texto. Eis a tradução⁴²:

“Oh tolos Gálatas. Quem vos enfeitiçou, para que não deva obedecer à verdade, diante de cujos olhos Jesus Cristo tem sido evidentemente estabelecido, crucificado entre vós⁴³.” (CALVIN, 1999, p. 49).

À semelhança de Lutero, nesse trecho, Calvino agrega ao texto traduzido a variante textual do verso 1. Menos enfático que Lutero no uso dessa variante, ele comenta, inclusive, aspectos etimológicos do verbo βασκαίνω:

“*Oh Gálatas insensatos*. Uma admoestação é aqui entrelaçada - eu deveria dizer, inserida - no meio de suas declarações doutrinárias. Alguns vão estranhar que ele não demora para encerrar a Epístola, mas a natureza muito grave dos erros que ele trouxe à tona, sem dúvida, despertou-lhe uma explosão de paixão. Quando ouvimos falar que o Filho de Deus, com todos os seus benefícios, é rejeitado, que sua morte é estimada em nada, que mente piedosa não reagiria com indignação? Ele, portanto, declara que aqueles que se permitiram ser envolvidos em tamanho absurdo hediondo devem ter incorrido em crime, isto é, “uma mente desordenada.” Acusa-os não só de eles mesmos terem sofrido por serem enganados, mas de terem sido levados por algum tipo de encantamento mágico (nota: βασκαίνω ‘encantar, fascinar, iludir por encantos mágicos,’ – uma palavra um tanto incomum, ὅπαξ λεγόμενον⁴⁴, no Novo Testamento. Pode ser divertido procurar o étimo da palavra. Alguns gramáticos têm estranhamente pensado que deriva de φάεσι καίνειν ‘matar com olhos’. Sua etimologia, na verdade, obviamente é, βάώ βάσκω, βασκάω, βασκαίνω, βάσκω (equivalente a φάσκω), ‘dizer, falar,’ vem, na forma, βασκαίνω, para significar κακολογεῖν, ‘caluniar’, daí ‘enganar’, daí ‘enganar por artes mágicas’), que é ainda mais grave

⁴² A edição consultada traz a tradução em inglês e latim do texto de Gl 3,1. Porém, pela economia do texto, interessa somente verificar a tradução feita para o verso em questão, importando somente uma das versões. De qualquer forma, está franqueada a consulta para a versão latina que o autor oferece na bibliografia disponível.

⁴³ Tradução de: “O foolish Galatians, who hath bewitched you, that ye should not obey the truth, before whose eyes Jesus Christ hath been evidently set forth, crucified among you?”

⁴⁴ Literalmente: “único dito”. Essa expressão faz referência a palavras que aparecem somente uma vez em todo texto de um autor. Nesse caso, o verbo aparece somente uma vez em todo Novo Testamento.

acusação. Ele insinua que sua queda tomava mais parte da loucura do que de tolice.”

[...]

“Parece que algo sobrenatural, que, após apreciar o evangelho com tamanha clareza, lhes deveria ter afetado pelos enganos de Satanás. Ele não se limita a dizer que eles eram "enfeitiçados" e "com distúrbios na mente," porque não obedeceram à verdade, mas porque, depois de ter recebido instruções de modo claro, tão completo, de forma tão delicada, e tão poderosa, eles imediatamente se afastaram”.⁴⁵ (CALVIN, 1999. p. 49-50).

As observações de Calvino sobre o verbo βασκαίνω e sua pertença a um campo mágico, em um primeiro momento se faz clara, porém, ao longo de seu comentário, especificamente quando aborda a etimologia do termo, o autor trata de desviar o sentido do verbo, ou seja, “φάσει καίνειν ‘matar com olhos’” não tem absolutamente nada a ver com a origem do verbo βασκαίνω. Antes, “sua etimologia, na verdade, obviamente é, βάω βασκώ, βασκάω, βασκαίνω, βάσκω (equivalente a φάσκω), ‘dizer, falar.’”

Esse aspecto etimológico do verbo será objeto de análise em outra seção desse texto, aqui convém apenas observar a seqüência de significados que o verbo adquire, assim: “a forma, βασκαίνω, para significar κακολογεῖν, ‘caluniar’, daí ‘enganar’, daí ‘enganar por artes mágicas’”. É precisamente aqui que Calvino confere novo sentido ao verbo deixando para trás seu sentido mágico e passando a significar meros truques. O fim de sua argumentação é atribuir a Satanás o efeito de tal engano.

⁴⁵ Tradução de: “*O foolish Galatians*. An expostulation is here interwoven — I should rather say, inserted — amidst his doctrinal statements. Some will wonder that he did not delay it to the close of the Epistle, but the very serious nature of the errors which he has brought forward unquestionably roused him to a burst of passion. When we hear that the Son of God, with all his benefits, is rejected, that his death is esteemed as nothing, what pious mind would not break out into indignation? He therefore declares that those who allowed themselves to be involved in so heinous a crime must have been, that is, “disordered in mind.” He accuses them not only of having suffered themselves to be deceived, but of having been carried away by some sort of magical enchantment (note: “Βασκαίνειν, ‘to enchant, to fascinate, to delude by magical charms,’ — rather an uncommon word, ἄπαξ λεγόμενον in the New Testament. It may amuse to notice the etymon of the word. Some grammarians have strangely thought it derived from φάσει καίνειν, ‘to kill with the eyes.’ Its true etymology obviously is, βάω βασκώ βασκάω βασκαίνω βάσκω (equivalent to φάσκω), ‘to say, to speak,’ comes, in the form βασκαίνω, to signify κακολογεῖν, ‘to calumniate,’ then ‘to deceive,’ then ‘to deceive by magical arts.’”), which is a still more serious charge. He insinuates that their fall partook more of madness than of folly.”

[...]

“It looks like something supernatural, that, after enjoying the gospel in such clearness, they should be affected by the delusions of Satan. He does not merely say that they were “bewitched” and “disordered in mind,” because they did not obey the truth; but because, after having received instruction so clear, so full, so tender, and so powerful, they immediately fell away.”

1.1.2. atribuição de sentido irônico ou metafórico ao vocabulário paulino:

Para essa categorização aqui proposta, a partir dos argumentos já explicitados acima, observa-se, nos autores adiante citados, a tradução unívoca do verbo βασκαίνω como “enfeitiçar”. À primeira vista, considerando apenas o termo traduzido, a indicação é que, de fato, ao traduzir o verbo por “enfeitiçar”, os comentaristas percebem que ambiente cultural está em questão, porém, as observações que fazem ao sentido desse verbo no texto, revelam o que, de fato, pensam os autores sobre o tema.

E. Burton, intelectual alemão, que produziu sua obra em 1921, assim traduz o texto:

“Oh Gálatas tolos, quem enfeitiçou a vós, ante cujos olhos Jesus Cristo foi publicamente sinalizado como crucificado?⁴⁶” (BURTON, 1921, p. 143).

A despeito da tradução, seu comentário ao termo, em si, define o que ele pensa sobre quem são os “feiticeiros” e o sentido que Paulo se fez valer no emprego do verbo. Assim escreve Burton:

“O verbo βασκαίνω, sem dúvida, é usado metaforicamente com o significado de “desviar”, e a questão, que é, naturalmente, retórica, refere-se às mesmas pessoas que estão em Gl 1,7 incomodando e tentando perverter o evangelho de Cristo. O verbo βασκαίνω, significando em autores clássicos, “a calúnia” (Dem. 94,18.291,23), “a inveja” (Dem. 464,24), “enfeitiçar” (Theocr. 5,12.6,39; Arist. *Probl.* 20,34 [926b, 21]; Herodian 2.4,11) é usado na LXX e Apócrifo (Dt 28,54.56; Sir. 14,6.8), com o significado “inveja”, mas claramente tem aqui, como em Aristot. e Theocr. *loc.cit.*, o que significa “encantar”. Para evidências de que a possibilidade de uma pessoa encantadora, que exerce um feitiço sobre o outro, era questão de crença corrente, tanto entre os gentios e judeus, consulte [...].

Seria pressionar demais os fatos deduzir que o uso de Paulo da palavra, necessariamente, indicaria que ele acreditava na realidade dos poderes mágicos, e ainda mais para pressupor que o estado de espírito dos Gálatas seria o resultado de tais artes. É mais provável que a palavra, carregando uma referência às artes mágicas, foi usada por ele metaforicamente, como nós usamos a palavra

⁴⁶ Tradução de: “Oh foolish Galatians, who bewitched you, before whose eyes Jesus Christ was placarded crucified?”

“encantar”, que significa “perverter”, “confundir a mente”⁴⁷.” (BURTON, 1921, p.143-144).

Antes de qualquer piscadela que o leitor se atreva a dar Burton já sentenciava que βασκαίνω, sem dúvida⁴⁸, é usado metaforicamente com o significado de “desviar”. Assim, a preocupação “que é, naturalmente, retórica” passa a ser definir quem são os que estão “incomodando e tentando perverter o evangelho de Cristo”.

A despeito da lista de fontes antigas que cita sobre a localização e a ocorrência do termo (algumas não foram transcritas propositalmente, pela economia do texto) Burton é taxativo em dizer que Paulo não acreditava em “artes mágicas” e que o termo foi usado metaforicamente, “como nós usamos a palavra ‘encantar’, que significa ‘perverter’, ‘confundir a mente’”.

Não é difícil supor quem seriam esses “encantadores” que confundem as mentes:

"[...] mas, ainda tendo em mente o que ele tinha acabado de dizer em 2,21 para o efeito que o ensino legalista dos judaizantes torna a morte de Cristo, um fato sem importância, uma tragédia inútil, o apóstolo irrompe, um pouco como de 1,5, em uma expressão de surpresa que o tocou com indignação o fato dos Gálatas estarem se afastando do seu evangelho de Cristo crucificado (cf. 1Cor. 1,17.23.2,2)⁴⁹". (BURTON, 1921, p.143).

⁴⁷ Tradução de: “The verb baskaino is doubtless used tropically with the meaning “lead astray”, and the question, which is, of course, rhetorical, refers to the same persons who in 1,7 are spoken of as troubling them and seeking to pervert the gospel of the Christ.

The verb baskaino, signifying in classical authors, “to slander” (Dem.94,18 and 291,23), “to envy” (Dem. 464,24), “to bewitch” (Theocr. 5,12.6,39; Arist. Probl. 20.34 [926 b,21]; Herodian 2.4,11) is used in the LXX and Apocr. (Deut. 28,54.56; Sir. 14,6.8) with the meaning, “to envy”, but very clearly has here, as in Aristot. and Theocr. loc.cit., the meaning “to bewitch”. For the evidence that the possibility of one person bewitching, exercising a spell upon another was matter of current belief both among Gentiles and Jews, see [...].

It would be overpressing the facts to infer from Paul's use of this word that he necessarily believed in the reality of magical powers, and still more so to assume that he supposed the state of mind of the Galatians to be the result of such arts. It is more probable that the word, while carrying a reference to magical arts, was used by him tropically, as we ourselves use the word “bewitch”, meaning “to pervert”, “to confuse the mind”.

⁴⁸ O mesmo argumento (e com a mesma força retórica) é apresentado posteriormente por RIDDERBOS, 1957. Para ele: “Alguém poderia pensar que [os Gálatas] tinham sido enfeitizados ou encantados. Naturalmente, o apóstolo não quer dizer isso no sentido literal” (p. 110). [Tradução de: “One would think they had been charmed or bewitched. Naturally the apostle does not mean this in the literal sense.”].

⁴⁹ Tradução de: “[...] but still having in mind what he had just said in 2,21 to the effect that the legalistic teaching of the judaizers makes the death of Christ a fact without significance, a useless tragedy, the apostle breaks forth, somewhat as in 1,5, in an expression of surprise touched with indignation that the Galatians were turning away from his gospel of Christ crucified (cf. 1Cor. 1,17.23.2,2)”.

De forma semelhante, o autor francês, André Viard, traduz e comenta o texto:

“Oh Gálatas insensatos, quem poderia vos enfeitiçar, vós às vistas de quem nós retratamos Jesus Cristo pregado sobre a cruz?⁵⁰”. (VIARD, 1964, p.60).

Muito embora a tradução do autor francês indique o verbo “enfeitiçar” para corresponder a βασκαίνω, seu comentário ao texto não deixa dúvidas quanto ao seu olhar sobre o sentido do termo:

“Este termo é uma reminiscência de uma espécie de maldição, o mau olhar. Os judaizantes tiveram sucesso em obscurecer a verdade e as próprias bases do evangelista, que era claramente proclamada a todos: Jesus crucificado salvador do mundo pela cruz (cf. 1,4.2,19-20)⁵¹”. (VIARD, 1964, p.61).

Se a primeira frase fora base da argumentação para explicar o texto, talvez o conceito do verbo fosse elucidado, porém, como muitos dos demais anteriormente citados, Viard trata de identificar os “judaizantes” como agentes que “obscureceram” a verdade da pregação de Paulo. Ou seja, nada há de mágico no processo, apenas há uma confusão à mente dos Gálatas, causada pelos judaizantes.

William Neil, então diretor da inglesa Universidade de Nottingham, em 1967, é um dos mais enfáticos autores em sua proposta de tradução:

“Vós Gálatas estúpidos! Vocês devem ter sido enfeitiçados - ante cujos olhos Jesus Cristo foi exibido abertamente sobre a sua cruz!⁵²”. (NEIL, 1967, p.47).

Ainda, a atribuição que confere ao verbo βασκαίνω – “enfeitiçados” – indicaria uma percepção, por parte de Neil, de um ambiente mágico, porém a sutileza de seu pensamento revela outra realidade:

⁵⁰ Tradução de: “O Galates insensés, qui a pu vous ensorceler, vous sous les regards de qui l’on a dépeint Jésus-Christ cloué sur la croix?”

⁵¹ Tradução de: “Ce terme fait songer à une sorte de mauvais sort, au mauvais oeil. Les judaïsants ont réussi à s’imposer et à obscurcir la vérité des fondements mêmes de l’Évangelie, qui avait été nettement proclamé devant tous : Jésus crucifié, sauveur du monde par sa croix. (cf. 1,4.2,19-20).”

⁵² Tradução de: “You stupid Galatians! You must have been bewitched – you before whose eyes Jesus Christ was openly displayed upon his cross!”

“Ele tinha estado tão agitado que agora ele recorda a prova inequívoca do poder da vida de Cristo na recente campanha entre os Gálatas, e reflete que essas mesmas pessoas estão agora preparadas para ouvir agitadores que dizem-lhes que o que realmente importa é ser circuncidados e obedecer a Lei de Moisés, ele explode em obstinada exasperação: Você loucos! Vocês devem estar fora de juízo!

Ele diz que eles devem ter sido enfeitiçados, alguém deve ter colocado um feitiço sobre eles. Eles sabiam tudo sobre a magia negra em cidades pagãs como Icônio e outras cidades da missão Gálata. Feiticeiros eram abundantes. Esses extremistas judaico-cristãos devem ter hipnotizado vocês, ironicamente, diz Paulo. Se vocês mantivessem seus olhos fixos na cruz de Cristo e tudo o que isso significa, acrescenta, nunca teriam caído nessa burrice⁵³”. (NEIL, 1967, p.47).

A tradução do verbo parecia indicar uma percepção de Neil que não se confirma ao ler seu comentário. Pelo contrário, o acréscimo que ele faz aos ditos presentes no verso re-interpretam o trecho, do ponto de vista da literalidade das palavras, bem como do ponto de vista do rótulo que impõe aos “agitadores”. A leitura de Neil não só estabelece os interlocutores de seus destinatários, mas também os denomina de “extremistas judaico-cristãos”.

Ainda, os identifica com o ambiente mágico de Icônio, porém parece perceber que os Gálatas, mesmo vivendo em mesmo território que os praticantes de magia negra, com esses não deveriam partilhar de suas crenças, muito menos da tradição de Moisés.

Por sua vez, o alemão Gerhard Dellling, em 1972, ao analisar o verbete βασκαίνω não traduz Gálatas 3,1, mas dedica um parágrafo para explicar o sentido do verbo nesse texto:

“No NT a palavra ocorre somente em Gl 3,1, no sentido de “enfeitiçar” (por palavras). Esta não é uma metáfora exagerada, a magia está por trás do poder da mentira (→ γόης), e este tem sido exercido pelo τίς (ou o grupo por trás do τίς) para fazer o dano real a νοῦς dos Gálatas (ᾠνόητοι)*. Isso, certamente, não deve ser entendido de uma maneira ingenuamente realista como mecânica mágica. O aspecto perigoso é que os Gálatas, de bom grado, cederam a estes mágicos e sua influência sem perceber a que poderes da falsidade estavam se rendendo. O ponto

⁵³ Tradução de: “He has been so stirred that now, as he recalls the unmistakable evidence of the living power of Christ in the recent campaign among the Galatians, and reflects that these same people are now prepared to listen to agitators who tell them that what really matters is being circumcised and obeying the Law of Moses, he bursts out in affectionate exasperation: You crazy people! You must be out of your minds!

He tells them they must have been bewitched, somebody must have put a spell on them. They knew all about black magic in pagan cities like Iconium and the other towns of the Galatian mission. Sorcerers and spell-binders were plentiful. These Jewish-Christian extremists must have hypnotized you, says Paul wryly. If you had kept your eyes fixed on the Cross of Christ and all that it means, he adds, you would never have fallen for this rubbish.”

característico da βασκανία é que isso exerce sua influência, sem meios extraordinários.

* (nota) Ou ἄνόητοι significa que, como crianças, os destinatários têm-se revelado incapazes de resistir ao βάσκανος?⁵⁴ (DELLING, 1972. p.595).

Delling, em seu comentário ao termo, no contexto da carta de Gálatas, é enfático em identificar o efeito de βασκαίνω com a mentira, que é exercida pelo “quem”, por trás da ação. Além de postular que o entendimento da ação se dá no campo da mentira, o evento também não deve ser compreendido como “mecânica mágica”, assim, re-afirma o comentarista alemão, a βασκανία “exerce sua influência”, mas “sem meios extraordinários”.

A nota que acrescenta ao seu comentário, inquirindo sobre o sentido de ἄνόητοι por si só já quer indicar uma interpretação de que Paulo estaria se referindo aos Gálatas, tal qual o fez com os destinatários de Corinto, como atesta 1Cor 3,1. O que, talvez, acidentalmente, fez com que o autor fizesse ao ambiente mágico com referência às crianças, uma vez que elas seriam indefesas à βασκανία. Esse tema, porém, será mais explorado no terceiro capítulo desse trabalho.

No último ano da década de 70 do século XX, o alemão radicado nos Estados Unidos, Hans Dieter Betz, em seu aclamado e referendado comentário exaustivo à carta de Paulo aos Gálatas⁵⁵, traduz o texto:

“Vocês, Gálatas insensatos! Quem vos enfeitiçou, ante cujos olhos ‘Jesus Cristo [o] crucificado’ foi tão vividamente retratado?”⁵⁶ (BETZ, 1979. p. 128).

⁵⁴ Tradução de: “In the NT the word occurs only at Gl 3,1 in the sense of ‘to bewitch’ (by words). This is not an exaggerated metaphor, for behind magic stands the power of falsehood (→ γόης) and this has been exercised by the τίς (or the group behind the τίς) to do real harm to the νοῦς of the Galatians (ἄνόητοι)*. This is certainly not to be understood in a naively realistic way as mechanical magic. The dangerous feature is that the Galatians have willingly yielded to these magicians and their influence without realising to what powers of falsehood they were surrendering. The characteristic point of the βασκανία is that it exerts its influence without extraordinary means.

* (note) Or does ἄνόητοι mean that like children those addressed have proved incapable of resisting the βάσκανος?”

⁵⁵ É amplamente divulgado entre os intelectuais estudiosos do Novo Testamento e Cristianismo Primitivo a importância desse autor. Para muitos, seu comentário foi decisivo na história da interpretação de Gálatas, é o caso de EASTMAN, 2001, que até mesmo atribui a Betz a marca de ter perpetuado a interpretação de βάσκανος como “ironia ou metáfora”. Fato esse que o presente *status quaestionis* discorda, pois o que aqui está sendo demonstrado, é que pouco importa a cronologia ou local de produção do comentário ao texto paulino em si, mas sim a que vertente ou orientação epistemológica o autor está filiado.

⁵⁶ Tradução de: “You foolish Galatians! Who has bewitched you, before whose eyes 'Jesus Christ [the] crucified' was so vividly portrayed?”

Betz entende “Jesus Cristo crucificado” como fórmula querigmática a qual Paulo aqui faz referência. Quanto ao verbo, foco desse estudo, comenta:

“A questão seguinte é irônica ou até mesmo sarcástica: ‘quem vos enfeitiçou?’ O termo βασκαίνω é usado figurativamente (‘enfeitiçar alguém’), um uso comum, pelo menos desde Platão. Seu propósito foi o de caracterizar os adversários e suas estratégias sofistas⁵⁷”. (BETZ, 1979. p. 131).

O aspecto diferenciado de Betz em analisar o contexto da carta de Paulo aos Gálatas é a proposição de ser essa carta, como toda, uma construção retórica. Dessa forma, ao empregar análises mais detalhadas sobre trechos da carta, Betz faz concordar cada aspecto singular com a estrutura geral que teria um texto retórico. Assim, de fato, inaugura uma leitura inédita nos comentários bíblicos para Gálatas⁵⁸, eis o porquê de atribuir aqui o sentido irônico ou metafórico ao verbo βασκαίνω para “caracterizar os adversários e suas estratégias sofistas”.

Um ano mais tarde, Giuseppe Barbaglio, também dedica algumas linhas ao texto:

“Ó descabeçados gálatas, quem os enfeitiçou? E, no entanto, aos seus olhos Jesus Cristo foi apresentado como crucificado”. (BARBAGLIO, 1980. p.66).

Com um caráter de tradução mais literal, do ponto de vista da língua grega, o estudioso italiano assim entende o sentido do verbo:

“(...) estão cedendo à propaganda dos que querem arrastá-los para a prática da circuncisão e da observância da lei.

(...) São vítimas das artes mágicas do demônio: ‘... quem os enfeitiçou*?’. A referência aos opositores é clara. Mas Paulo pretende, sobretudo, reprovar-lhes a ação nefasta e a fraqueza dos gálatas”. (BARBAGLIO, 1980. p.67).

* nota: “*Baskáinnô* é verbo técnico que indica a magia que se realiza sem manipulações particulares, só mediante a palavra e o olhar” (SCHLIER, com. 124).

Do ponto de vista do sentido do texto, Barbaglio identifica a ação como “artes mágicas do demônio”, assim, o autor italiano, identifica os praticantes “da circuncisão e da observância da lei” como agente do demônio. Já do ponto de

⁵⁷ Tradução de: “The following question is ironic or even sarcastic: ‘who has bewitched you?’ The term βασκαίνω is used figuratively (‘bewitch someone’), a usage common at least since Plato. Its purpose was to characterize opponents and their sophistic strategies”.

⁵⁸ Neste ponto, Betz, de fato, faz escola. Ver, por exemplo, LONGENECKER, R. N, 1990.

vista técnico, ou seja, o significado literal de βασκαίνω Barbaglio nada diz, o que faz é remeter, em nota, à obra de Schlier, analisada a seguir.

1.1.3. termo como metáfora ou caracterizado negativamente

Após citar Schlier em seu comentário, Barbaglio interpretou o sentido do texto prescindindo, conscientemente, do significado contextual de βασκαίνω. A menção que faz a Schlier parece indicar que o autor alemão atesta ou referenda o ambiente mágico no texto, é o que se busca confirmar a seguir:

“Oh Gálatas insensatos quem os tem enfeitado, depois de colocar ante aos seus olhos Jesus Cristo crucificado?”⁵⁹ (SCHLIER, 1975. p. 139).

A tradução de Schlier de fato apóia a idéia de que este autor comunga com a idéia de que havia um diálogo do Apóstolo com o ambiente mágico de então, sobre isso, comenta:

“βασκαίνω é um termo de encantamento, que ocorre sem a necessidade de ação, apenas por uma palavra ou olhar. No contexto se pensa, sem dúvida, no encantamento pelo olhar, pois Paulo assume que o olhar dos gálatas deveria estar cativado por Cristo crucificado. A estranha mudança ocorre entre a imagem de símbolo - ver - e do querigma - ouvir -. Esta mudança demonstra o quanto de interesse os ouvintes receberam a pregação apostólica e também a de seus adversários. Os gálatas caíram nas mãos de um estranho encantador. Por trás da pregação da lei através daqueles destruidores do evangelho e das comunidades está uma coerção demoníaca. Os gálatas não estavam convencidos humanamente, mas caíram em uma armadilha. Eles simplesmente não mudaram suas ideias, mas são fascinados pelo poder que estão prestes a se curvar⁶⁰.” (SCHLIER, 1975. p. 140-141).

O vocabulário (quase) beligerante de Schlier remonta a um cenário de violentas tensões na comunidade para a qual Paulo endereça sua carta. O que está em jogo, no comentário de Schlier, não é propriamente a preocupação em perceber o ambiente mágico que o verbo βασκαίνω quer indicar, mas contra quem

⁵⁹ Tradução de: “Oh gálatas insensatos ¿quién os ha hechizado, después que os pusieron ante los ojos a Jesucristo crucificado?”

⁶⁰ Tradução de: “βασκαίνω es término de encantamiento, que ocurre sin necesidad de acciones, sólo con la palabra o con la mirada. En el contexto se piensa indudablemente en el encantamiento por la mirada, pues Pablo presupone que la mirada de de los gálatas debería estar cautivada por Cristo crucificado. Tiene lugar un extraño cambio entre el símbolo de imagen – ver - y el de kerygma – oír -. Este cambio muestra con cuánto interés recibían los oyentes la predicación apostólica y también la de sus adversarios. Los gálatas han caído en manos de un encantador extraño. Detrás de la predicación de la ley por medio de aquellos destructores del evangelio y de las comunidades está una coacción demoníaca. Los gálatas no han sido convencidos humanamente, sino que han caído en una trampa. No han cambiado simplemente sus ideas, sino que están fascinados por un poder al que están a punto de doblegarse”.

o debate está estabelecido. Não há dúvidas, porém, que a partir desse comentário citado e os que vêm a seguir, há uma maior preocupação por parte dos estudiosos em dedicar mais atenção à dinâmica mágica pro trás do texto⁶¹ (NANOS (c), 2000).

Ainda na década de 70, no ano de 1978⁶², e ainda um estudioso alemão a comentar o texto, eis a tradução que Dieter Lührmann sugere:

“Vós tolos Gálatas! Quem vos enfeitiçou? Foi diante de seus olhos que Jesus Cristo foi publicamente exibido como crucificado!” (LÜHRMANN, 1992. p. 51).

Em um texto corrido, sem notas explicativas ou referências a outros estudos, Lührmann percorre o texto de Gálatas, praticamente, comentando o que lê. Assim, para essa passagem, tudo o que diz, em um tom jocoso, é que “somente por meio de dizer que bruxaria deve estar envolvida⁶⁴”, é que o autor explora o tema.

Com certa profundidade além do que Lührmann aborda o texto, o intelectual norte-americano Sam Williams assim traduz o verso:

“Oh Gálatas estúpidos, quem lançou feitiço sobre vocês, para quem, praticamente, diante dos olhos Jesus Cristo foi publicamente apresentado [como] crucificado?”⁶⁵ (WILLIAMS, 1997. p. 83).

Do ponto de vista da referência ao ambiente mágico envolvido no texto, a tradução do autor é precisa, porém seu comentário ao termo “explica melhor”:

“Paulo usa um verbo (baskanein) que, no mundo Mediterrâneo clássico, significa prejudicar alguém através do ‘olho mau’. Nós não precisamos entender a linguagem de Paulo, literalmente, como uma acusação de feitiçaria, apesar de tudo. É mais uma metáfora sugestiva destacando quão inexplicável, irracional e

⁶¹ Ver, como exemplo, DUNN, 1993. p.151-152; HANSON, 1994. p.77-78; MATERA, 1992. p.111-112; ESLER, 1998. p. 219. (*Apud* NANOS, 2000. p.3).

⁶² O ano de 1978 refere-se ao ano em que a obra foi publicada no original alemão: *Der Brief na die Galater*. O texto consultado para esse trabalho é a tradução norte-americana de 1992.

⁶³ Tradução de: “You foolish Galatians! Who has bewitched you? It was before your eyes that Jesus Christ was publicly exhibited as crucified!”

⁶⁴ Tradução de: “(...) only by saying that witchcraft must have been involved”.

⁶⁵ Tradução de: “O mindless Galatians, who has cast a spell on you, to whom virtually before your eyes Jesus Christ was publicly presented [as] crucified?”

prejudicial é a indulgência deles para as pregações dos agitadores”⁶⁶. (WILLIAMS, 1997. p. 83).

É curioso perceber que Williams identifica o evento do texto como pertencente ao ambiente mágico, porém o afasta da situação em que se dá os contornos da carta de Paulo. Lendo, somente, a tradução do autor, imediatamente o que chama à atenção é o vocabulário marcadamente de contexto mágico, porém, o comentário que o autor faz ao texto “conserta” a tradução ligada ao campo da magia.

Tal qual Betz e seu já citado comentário aos Gálatas, o emérito professor do Union Theological Seminary in New York, J. Louis Martyn, em 1997 publicou o aclamado comentário à carta paulina na coleção Anchor Bible. Muito respeitada em meio acadêmico, a coleção também é considerada como divisor de águas no ambiente intelectual bíblico mundial, para esse texto, Martyn traduz:

“Vocês, insensatos Gálatas! Quem lançou um feitiço em vocês, fazendo isso, apesar do fato de que, em meus sermões uma imagem de Jesus Cristo, marcado pela crucificação, foi pintada diante de seus olhos?”⁶⁷ (MARTYN, 1997. p. 281).

Transitando entre a literalidade e a criatividade na tradução do texto grego, Martyn traz pouca novidade ao contexto acadêmico em sua leitura do verso. Resta saber, que novidade seu comentário ao texto apresenta:

“lançar feitiço. Paulo acredita que, a fim de identificar plenamente as artimanhas de sedução dos Mestres, ele deve recorrer ao vocabulário da magia, pois estas pessoas não estão apenas assustando os Gálatas; eles também estão levando-os a perder-se por lançar um feitiço sobre eles*. Dada a aversão à circuncisão dos gentios, os Mestres devem ter sido realmente virtuais magos para ter feito os Gálatas desejarem se colocar sob a Lei. Com sua pergunta retórica, Paulo, dessa maneira, sugere que, por meio de atenta audição ao Evangelho dos Mestres, os Gálatas estão, na verdade, deixando o reino da fé, para o da superstição. Quando os gentios tornaram a observância da Lei como se esta fosse salvífica, eles se entregaram - ou voltaram para (4,9) - a crença na magia”.
*Este é o único lugar em suas cartas em que Paulo usa o verbo *baskainô*, ‘enfeitiçar’, ‘colocar o mau-olhado sobre’, assim como Gálatas é a única carta na qual ele emprega o verbo *tarassô*, ‘assustar’ (1,7; 5,10). Ambos os verbos são

⁶⁶ Tradução de: “Paul uses a verb (*baskanein*) that, in the classical Mediterranean world, means to harm someone through the “evil eye.” We need not understand Paul’s language literally as an accusation of witchcraft, though. It is rather a suggestive metaphor underscoring how inexplicable, unreasonable, and deleterious is their yielding to the preachments of the agitators.”

⁶⁷ Tradução de: “You foolish Galatians! Who has cast a spell on you, doing so in spite of the fact that in my sermons a picture of Jesus Christ marked by crucifixion was painted before your eyes?”

selecionados por Paulo para se referir à atividade dos Mestres, indicando que eles estão prejudicando a mente dos Gálatas; Delling, "baskainô", 595⁶⁸. (MARTYN, 1997. p. 282-283).

De fato, afirmar que o comentário escrito por Martyn marca época na interpretação de Gálatas está correto. É a primeira vez, na história da interpretação da perícopes, que é dito, com todas as letras, que crer que há um componente mágico no texto paulino é acreditar em superstição. Muito embora o autor cite Delling para referendar seu comentário, não é precisamente o que diz o estudioso alemão. É certo, porém, que a leitura que fazem do termo com um sentido metafórico ou negativamente caracterizado concorda.

Também é notável, tendo em vista esse percurso bibliográfico aqui desenvolvido, que nada há de novo em tangenciar a explicação do emprego do termo na carta, para a identificação dos atores sociais por trás do que acreditam estar no contexto narrado. Assim, deixa-se de observar a contextualização cultural sobre a qual a carta quer se apoiar, para, então, desqualificar os supostos agentes maléficos ou perturbadores com quem Paulo dialoga.

De todos os autores citados até aqui, talvez o que dispense maior atenção ao tema em sua obra é Ben Witherington em seu texto de 1998. Contudo, a forma como se aproxima do tema, pouco difere do que já foi aqui elencado. Dispensando uma tradução literal do texto, WITHERINGTON, 1998, toma o tema do “mau-olhado” como relacionado ao ambiente da feitiçaria, mas afirma ser um objeto de estudo “polêmico e metafórico” (p. 201).

Segundo o estudioso norte-americano, o que está em jogo é a identificação dos “influenciadores” (p. 203) e seu caráter “demoníaco” (p. 203). Para ele, esses “agitadores” estavam mais interessados em “receber todos os aplausos de

⁶⁸ Tradução de: “*cast a spell*. Paul believes that in order fully to identify the Teachers' seductive wives he must reach into the vocabulary of magic, for these people are not only frightening the Galatians; they are also leading them astray by casting a spell over them*. Given Gentile aversion to circumcision, the Teachers must indeed have been virtual magicians to have made the Galatians long to come under the Law. With his rhetorical question Paul thus suggests that by listening appreciatively to the Teachers' gospel, the Galatians are in fact leaving the realm of faith for that of superstition. When Gentiles take up observance of the Law as though that were salvific, they give themselves over to - or they return to (4,9) - a belief in magic.

* This is the only place in his letters at which Paul uses the verb *baskainô*, ‘to bewitch’, ‘to put the evil eye upon’, just as Galatians is the only letter in which he employs the verb *tarassô*, ‘to frighten’ (1,7; 5,10). Both verbs are selected by Paul to refer to the Teachers' activity, indicating that they are damaging the minds of the Galatians; Delling, “*baskainô*,” 595”.

Jerusalém para eles mesmos⁶⁹.” (WITHERINGTON, 1998. p.203). Sua interpretação é que

“como um bom orador, Paulo deveria saber que havia um medo real do mau-olhado entre seus conversos gálatas que vieram do paganismo, e um dos melhores caminhos para demonizar os agitadores seria sugerir que eles lançaram o mau-olhado em seus conversos⁷⁰.” (WITHERINGTON, 1998. p.203).

1.1.4. comentário ou menção ao termo não aparecem

Para além das caracterizações negativas (demoníacas) ou dispersão para sentidos metafóricos, irônicos ou polêmicos, há quem considere que o tema não traz relevância para o estudo. Dessa forma, em seus trabalhos, sequer se detêm em observar o texto. Assim, o intelectual francês Cothenet, em 1980⁷¹, percorre toda a carta aos Gálatas sem nenhuma menção ao texto de Gálatas 3,1. Melhor dizendo, a única vez que comenta esse verso, em especial, é quando diz que “gálatas estúpidos (v.1 e 3) forma a transição entre a exposição da tese de Paulo e a demonstração pela Escritura”. (COTHENET, 1985. p.45).

De igual forma, o teólogo italiano Giavini, em 1983,⁷² nada menciona sobre o tema que envolve o verbo βασκαίνω (muito embora, em sua tradução, utilize o termo “fascinar”). Tudo que se pode depreender do texto, segundo Giavini, é que o interesse de Paulo é resgatar “a pregação precedente, que tinha conseguido quase que desenhar ao vivo a história de Jesus crucificado” (GIAVINI, 1987. p. 41).

Sobre os dois comentários citados imediatamente acima, é possível argumentar que a ausência de menção do tema que trata o verso 1 de Gálatas 3, se deve ao escopo geral da obra, se justifica pelo caráter prosélito que o texto quer adotar ou qualquer outro argumento dessa natureza. Porém, o que se observa no artigo de CALLAN, 2007 é, de fato, bastante curioso.

⁶⁹ Tradução de: “(...) wanting all the plaudits in Jerusalem for themselves”.

⁷⁰ Tradução de: “As a good rhetor, Paul would know that there was real fear of the evil eye among his Galatian converts from paganism, and one of the best ways he could demonize the agitators would be to suggest that they cast the evil eye on his converts.”

⁷¹ Ano da obra original: **L’e épître aux Galates**. Paris: Editions du Cerf, 1980. Porém, aqui foi consultada a tradução para o português, da Editora Paulinas, no ano de 1985.

⁷² Ano da edição original: **Galati – libertà e legge nella Chiesa**. Brécia: Editrice Queriniana, 1983. Aqui, a edição consultada foi a tradução portuguesa da Editora Paulinas, de 1987.

No referido trabalho, o objetivo principal é proceder a um estudo exaustivo da carta aos Gálatas desde um ponto de vista formal, isto é, analisar sintática, semântica e filologicamente os termos que se encontram na carta paulina. Pois bem, um detalhe apenas escapa ao autor: a menção ao verbo βασκαίνω que, em parte alguma de seu texto, está presente. Apenas para não cometer injustiça, há duas menções ao texto de Gálatas 3,1 no trabalho de Callan: na página 502, nota 20 e página 504, nota 25, em ambos os casos o autor está interessado em aspectos estilísticos do texto, sem qualquer menção ao verbo βασκαίνω.

1.1.5. reconhecimento de um fenômeno não humano, mas caracterização negativa

Aproximando-se de um sentido mais próprio do verbo em estudo ou, pelo menos, não se esquivando de abordá-lo, porém ainda com uma caracterização negativa, há autores que o entendam como um fenômeno sobre-humano, mas de fácil identificação sobrenatural, o demônio. Assim, o alemão Schneider, em 1963⁷³, traduz e comenta o verso:

“Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós ante cujos olhos Jesus Cristo foi apresentado como crucificado?” (SCHNEIDER, 1967. p.74-75).

“O que sucede entre os gálatas não se explica por parte de persuasão humana. Deve-se pensar já em *feitiçaria*. Quem será que fascinou os gálatas? A que feitiçeiros estão entregues? Que força demoníaca os prendeu? O cura d’almas Paulo abala-se profundamente ao lembrar-se como, outrora, receberam sua palavra.” (SCHNEIDER, 1967. p.75).

Muito embora a caracterização negativa vincule o comentário acima com os demais autores até aqui mencionados, há um indício que alguns percebem o caráter sobrenatural da ação presente no texto. Obviamente que, ao remeter à ação demoníaca do ato, já se opera em categorias metafísicas, porém aqui não está explícita ou implicitamente referendada a ação dos “mestres de doutrinas”, “judaizantes”, “agitadores” ou qualquer referência que o valha aos “inimigos de Paulo, de fato, o que está presente aqui é algo que excede o entendimento humano.

⁷³ Ano de sua edição original, o texto alemão **Der Brief na die Galater** conheceu uma tradução, em 1980 para o espanhol, pela editora Herder, e, em português, pela editora Vozes, 1967. Sendo essa última a edição consultada para esse trabalho.

Seguindo na mesma direção, o autor escocês, F. F. Bruce, em 1982, traduz o texto da seguinte forma:

“Vocês, Gálatas tolos! Quem vos hipnotizou, depois que ‘Jesus Cristo crucificado’ foi sinalizado diante de seus próprios olhos?⁷⁴” (BRUCE, 1982. p.147).

Na história da interpretação de Gálatas 3,1 é a primeira vez que o termo “hipnotizar” é empregado para traduzir o verbo βασκαίνω. É curioso que Bruce tenha empregado esse termo, tendo em vista seu comentário ao mesmo:

“τίς ὑμᾶς ἐβάσκανεῖν (somente aqui no NT) significa “fascinar” (do cognato latino fascino) ou ‘enfeitiçar’ (originalmente, por meio do olho do mau). O outro significado ‘inveja’ (cf. Dt. 28,56 LXX), não é relevante aqui. Traduzido: ‘quem tem hipnotizado vocês?’ O novo comportamento deles foi tão estranho, tão completamente em desacordo com a mensagem libertadora que já tinham aceitado, que parecia como se alguém tivesse colocado um feitiço sobre eles. cf. R. Haughton, *O Coração Libertado* (Londres, 1975). 100f⁷⁵” (BRUCE, 1982. p.147).

Causa estranheza o termo que emprega para traduzir o verbo em estudo, pois o próprio comentário que faz da expressão exclui um sentido não aplicável a esse contexto, bem como identifica a origem desse termo e a que realidade cultural se refere. Ainda, admite a hipótese de terem os gálatas sido enfeitiçados, não atribuindo, portanto a ação a nenhum grupo ou pessoa em particular. Talvez, Bruce tenha evitado alguma polêmica ou simplesmente desconhecia o ambiente originário do emprego paulino para o termo.

1.2.

ponto de transição entre a negligência de atribuir ao texto caráter mágico e a inserção contextual da passagem em seu ambiente mágico originário:

⁷⁴ Tradução de: “You foolish Galatians! Who has hypnotized you, after ‘Jesus Christ crucified’ was placarded before your very eyes?”

⁷⁵ Tradução de: “τίς ὑμᾶς ἐβάσκανεῖν: (here only in the NT) means ‘fascinate’ (from the cognate Lat. fascino) or ‘bewitch’ (originally by means of the evil eye). The other meaning ‘envy’ (cf. Dt. 28,56 LXX), is not relevant here. Translate: ‘who has hypnotized you?’ Their new behaviour was so strange, so completely at odds with the liberating message which they had previously accepted that it appeared as if someone had put a spell on them. cf. R. Haughton, *The Liberated Heart* (London, 1975). 100f”.

Diante do percurso bibliográfico já executado até aqui é possível perceber como a maior parte dos intelectuais, que desse texto de Gálatas se ocuparam, percebem ou entendem o sentido utilizado no texto. Há, por parte de alguns (NANOS (c), 2000), como já citado acima, a tendência em atribuir um percurso cronológico para argumentar a favor de uma “virada” bibliográfica no estudo do tema, tese essa da qual este trabalho se afasta.

Para dar seguimento e comprovação a essa idéia, observar-se-á, agora, um conjunto de autores que pensam o texto de maneira distinta. Começando pelo teólogo inglês Joseph Barber Lightfoot que, em 1865, assim comenta o emprego do verbo βασκαίνω:

“ἐβάσκανεν ‘fascinado vocês’. A metáfora paulina é derivada da crença popular no poder do mau-olhado. (...) Se a derivação de βασκαίνειν, agora comumente adotada, a partir de βάζω, βάσκω (φάσκω), estiver correta, a palavra originalmente se referia a bruxaria por feitiços ou encantamentos (*‘mala fascinare lingua’*); mas, como ocorre na utilização real, que denota a influência destrutiva do olho mau, do qual o significado, de fato popular, essa, agora disseminada derivação, é uma evidência. Essa crença não se limita ao Oriente ou para os tempos antigos, mas é comum em muitas partes da Europa até hoje. (...) A palavra βασκαίνειν então, nessa passagem, envolve duas idéias: (1) a influência nefasta sobre o recipiente, e (2), o espírito de inveja do agente. Esta última idéia é proeminente no hebraico יָנָה (‘inveja’, ou ‘avarento’, por exemplo, Prov. XXIII, 6 comparar com ὀφθαλμὸς πονηρὸς dos Evangelhos), e no Latim *invideo*, que engoliu cada outro significado citado. Os falsos mestres que invejavam essa liberdade dos Gálatas em Cristo, tinham um interesse em submetê-los novamente à escravidão. Veja iv, 17, VI, 12 e cf. 2Cor. xi, 20. Esta idéia, entretanto, é subordinada à outra, para onde βασκαίνειν significa diretamente ‘invejar’, que geralmente leva um dativo como no Latim *invideo*. Jerônimo, contudo, vê na metáfora aqui uma alusão à ‘infância’ espiritual dos Gálatas. É verdade, contudo, que as crianças eram consideradas como as mais suscetíveis de βασκανία, e essa alusão seria muito importante aqui, mas a metáfora não deve ser supervalorizada⁷⁶. (LIGHTFOOT, 1865. p.127).

⁷⁶ Tradução de: “ἐβάσκανεν ‘fascinated you’. St Paul’s metaphor is derived from the popular belief in the power of the evil eye. (...) If the derivation of βασκαίνειν now generally adopted, from βάζω, βάσκω (φάσκω), be correct the word originally referred to witchery by spells or incantations, (*‘mala fascinare lingua’*); but as it occurs in actual use, it denotes the blighting influence of the evil eye, of which meaning indeed the popular but now exploded derivation is an evidence. This belief is not confined to the East or to ancient times, but is common in many parts of Europe even now. (...) The word βασκαίνειν then in this passage involves two ideas: (1) the baleful influence on the recipient, and (2) the envious spirit of the agent. This latter idea is very prominent in the Hebrew יָנָה (‘envious’, or ‘covetous’, e.g. Prov. XXIII, 6 and compare the ὀφθαλμὸς πονηρὸς of the Gospels), and in the Latin *invideo* it has swallowed up every other meaning. The false teachers envy the Galatians this liberty in Christ, have an interest in subjecting them again to bondage. See iv,17; vi,12 and cf. 2Cor. xi,20. This idea however is subordinate to the other, for where βασκαίνειν signifies directly ‘to envy’, it generally takes a dative like the Latin ‘invideo’. Jerome besides sees in the metaphor here an allusion to the spiritual ‘infancy’ of the

O interessante comentário do professor inglês tem, pelo menos, duas idéias centrais: (i) a rigor, entende o emprego do verbo, por Paulo, como metáfora; e, (ii) abre a possibilidade para se compreender o termo sob outro ponto de vista, que não o metafórico, mas o mágico. É forçoso determinar que o comentarista inglês entende o texto fora do sentido metafórico, muito embora critique a interpretação exagerada de Jerônimo (por conseqüência, de alguns outros que esse texto já elencou).

Porém, é louvável a amplitude da análise que propõe, ao discorrer sobre possíveis sentidos que o verbo pode assumir. É fato que identifica os “falsos mestres” invejosos, mas não os demoniza, nem tampouco exclui o efeito metafísico que pode estar contido na idéia do texto paulino, pelo contrário, humildemente revela que, se está certa a acepção do termo, como comumente se tem dito sobre sua acepção, há, nesse texto, uma evidência de práticas mágicas no texto paulino.

É justamente essa transição de pensamento que se observa em algumas obras. Sublinha-se, porém, que nada tem a ver a leitura do texto e seu sentido com a época em que se produz o texto, uma vez que a obra citada é do século XIX. Ora, Lightfoot está situado, cronologicamente, no mesmo século XIX que os intelectuais que produziram a obra *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, já citada na introdução desse texto, que pareciam estar em uma conspiração para ignorar ou minimizar o papel da magia no Novo Testamento e na literatura cristã originária (AUNE, David Edward, 1980, p. 1508).

No século XX, em 1950, de forma semelhante, o francês Lagrange também comenta, extensamente, o verbo βασκαίνω:

“Oh Gálatas insensatos! Quem enfeitiçou vocês, cujos olhos foram colocados diante de Jesus Cristo crucificado?⁷⁷”
(LAGRANGE, p. 57-59).

- “ἐβάσκανεν, A palavra βασκαίνω parece vir de βάζω, βάσκω (φάσκω) ‘falar’, e disso se entendia ‘os encantamentos pela palavra’, donde, metaforicamente, um ensino corruptor (...). Esse significado metafórico convém aqui, mas o contexto

Galatians. It is true indeed that children were regarded as most susceptible of βασκανία, and such an allusion would be very significant here; but the metaphor must not be overcharged.”

⁷⁷ Tradução de: “O Galates insenses! Qui vous a fascinés, vous aux yeux desquels on a placé les traits de Jésus-Christ crucifié?”

mostra a imagem usada pela maldição especial do olho mau (...). O caso mais lamentável foi a influência do mau-olhado nos olhos da pessoa a quem eles queriam ferir (...). Isso foi propriamente a imposição de um βάσκανος. Paulo acusa os Gálatas por não manter os olhos fixos em Cristo crucificado, o que os teria preservado. Os Padres gregos (Crisóstomo, Théodoz., etc.) entendiam esta alusão ao mau-olhado, mas como no A. e N. T. isso significa a inveja, eles transcreveram ‘invejar’, que consiste em substituir o mau pelo seu expressivo comum. S. Jerônimo tinha um senso justo desta metáfora em mente ao lembrar que a fascinação era mais facilmente praticada em crianças (...). Contudo Paulo não considerou a paixão de Cristo como o leite administrado a crianças⁷⁸. (LAGRANGE, p. 57).

Enquanto Lightfoot afirmava o caráter metafórico do emprego do termo, aqui, Lagrange não assume tal postura. Para o autor francês, mesmo avaliando como pertinente o sentido metafórico, afirma que “o contexto mostra a imagem usada pela maldição especial do olho mau”. Taxativo em atribuir o sentido do texto à maldição do mau-olhado, bem como identificar o caráter mágico do termo que Paulo emprega, Lagrange é o primeiro autor, na história da interpretação, a não deixar dúvidas quanto ao emprego desse termo.

Alguns anos depois, em 1981, em uma conferência no Institute for Biblical Research o estudo de Edwin Yamauchi, posteriormente publicado em 1983, abordava o tema da magia no mundo bíblico. Um texto razoavelmente pequeno, mas com densas 134 notas, com os mais variados e consistentes estudos sobre o tema traria de volta, entre outros, a interpretação do tema do mau-olhado para o texto bíblico.

Após citar vários aspectos mágicos presentes ao longo de todo texto canônico, recheado de referências extra-canônicas e pesquisas arqueológicas, o autor se detém no tema do olho mau, ele é enfático:

“Há, com certeza, uma clara referência ao medo do mau olhar, no Novo Testamento, em Gálatas 3,1, embora este tenha sido obscurecida pela tradução e os dicionários. Estudiosos anteriores, como J.B. Lightfoot, reconheceu claramente

⁷⁸ Tradução de: - “ἐβάσκανε, Le mot βασκάνω semble venir de βάζω, βάσκω (φάσκω) ‘parler’, et a dû s’entendre d’abord des incantations par la parole, d’où, au sens métaphorique, d’un enseignement corrupteur (...). Ce sens métaphorique convient ici, mais le contexte indique par l’image employée le maléfice spécial du mauvais œil (...). Le cas le plus fâcheux était l’influence du mauvais œil sur les yeux de la personne à laquelle on voulait du mal (...). C’était même proprement l’imposition d’un βάσκανος. Paul reproche aux Galates de n’avoir pas tenu les yeux fixés sur le Christ crucifié, ce qui les aurait préservés. Les Pères grecs (Chrysostom, Théodoz., etc.) ont compris cette allusion au mauvais œil, mais comme dans l’A. et le N. T. il désigne l’envie, ils ont transcrit ‘envier’, ce qui est remplacer le maléfice par son mobile ordinaire. S. Jérôme avait un sens plus juste de cette métaphore en rappelant que la fascinatiō s’exerçait sur les enfants (...). Cependant Paul n’a pas dû considérer la passion du Christ comme le lait qu’on donne aux enfants.”

as alusões implícitas no uso do verbo grego βασκαίνω aqui (...) ⁷⁹” (YAMAUCHI, 1983. p. 189).

Curioso é notar o fato que esse autor nunca é citado na bibliografia sobre Gálatas, sequer é alvo de críticas. A presença dessa dimensão cultural mágica no texto de Gálatas, segundo o estudioso havaiano, pode indicar algumas interpretações a respeito do uso desse termo a partir das acusações mútuas, entre Paulo e os judaizantes (3,1 e 4,14-15) de quem, de fato, possuía o olho-mau.

Cinco anos depois de Yamauchi, outro texto propõe um novo olhar sobre a sentença paulina em Gálatas, a saber, o ponto de vista de um modelo sociológico para interpretação do episódio descrito em 3,1. Trata-se de Jerome Neyrey (1988). Segundo suas palavras,

“vim para prestar maior atenção à pergunta de Paulo em Gálatas 3,1: ‘Quem vos enfeitiçou?’ Embora possa ser usado para caracterizar negativamente os oponentes e seus sofismas, *baskanein*, que é encontrado apenas aqui no NT, é um termo comum para o mau-olhado na LXX e literatura grega. É minha hipótese que Paulo está usando em seu sentido formal como uma acusação de que alguém tem enfeitiçado os gálatas. Isto significa que Paulo está dizendo que os falsos mestres estão espalhando ‘outro evangelho’ na Galácia, ou que são o próprio Satanás, ou ainda, pessoas possuídas e controladas por Satanás ⁸⁰” (NEYREY, 1988. p.72).

O professor norte-americano, a partir de amplo conhecimento sobre o assunto, constata que o uso do verbo *baskanein* até possa ter um sentido metafórico ou de caracterização negativa, porém não tarda em afirmar, através da múltipla atestação do termo em outras fontes antigas, que o sentido ali empregado por Paulo é mesmo o pertencente a um universo mágico. Muito embora, através de seu método de estudo, esteja implícita a informação que também pode haver uma acusação de possessão demoníaca:

“Nas ciências sociais, as acusações de possessão demoníaca são discutidos sob o rótulo técnico de ‘acusações de feitiçaria’, um termo que permite que eles sejam analisados e interpretados de forma crítica e de acordo com métodos aceitos pela

⁷⁹ Tradução de: “There is, to be sure, a clear reference to the fear of the evil eye in the New Testament at Galatians 3:1, though this has been obscured by the translations and the lexicons. Earlier scholars, such as J. B. Lightfoot, clearly recognized the allusions implicit in the use of the Greek verb βασκαίνω here (...)”

⁸⁰ Tradução de: “I came to pay increasing attention to Paul's question in Gal 3,1: ‘Who has bewitched you?’ Although it could be used to characterize negatively one's opponents and their sophistries, *baskanein*, which is found only here in the NT, is a common term for the evil eye in the LXX and Greek literature. It is my hypothesis that Paul is using it in its formal sense as an accusation that someone has bewitched the Galatians. This means that Paul is arguing that the false teachers spreading ‘another gospel’ in Galatia are either Satan himself or persons possessed and controlled by Satan”.

ciência social, que será o ponto de vista formal deste estudo⁸¹.” (NEYREY, 1988. p.72).

Mesmo reconhecendo a possibilidade de haver, no texto, uma acusação de possessão demoníaca, do ponto de vista científico, Neyrey aponta para o termo técnico “acusações de feitiçaria”. Sem dúvida, essa definição remonta o ambiente mágico do mediterrâneo antigo que esse texto quer demonstrar. Muito embora essa idéia do autor já expresse seu entendimento sobre a abordagem do tema em questão, ele prossegue com uma importante distinção:

“Os ocidentais modernos acham difícil levar a sério não só a crença na possessão demoníaca, mas também em bruxas que fazem más obras, uma indicação de que vemos o nosso mundo muito diferente daquele de Jesus, Paulo, os quatro evangelistas, e outros escritores do NT. No entanto, se quisermos ver o mundo através dos olhos de Paulo e apreciar toda a força de ‘enfeitiçar’ em Gálatas 3,1, devemos nos voltar para as ciências sociais para encontrar categorias adequadas para examinar o mundo de Paulo e modelos adequados para avaliar a função típica que ‘acusações de feitiçaria’ desempenhavam no mundo mediterrâneo, mesmo no NT. Todos os paralelos lingüísticos que encontramos, ainda precisam de algum modelo heurístico para autorizar-nos a vê-los na sua devida perspectiva cultural⁸².” (NEYREY, 1988. p.73).

Assim, o pressuposto fundamental, que permite o autor identificar as peculiaridades presentes em Gl 3,1, é recorrer a métodos que permitam um olhar para o ambiente originário do texto a partir da cosmovisão de seus atores sociais de então. A importância desse aspecto reside no fato de evitar leituras modernas projetadas para um cristianismo originário, a partir de perspectivas atuais, rompendo assim, com as especificidades da época. Essa leitura de Neyrey implica em redimensionamentos na interpretação do conteúdo da carta, bem como permite novas leituras atuais sobre a comunidade gálata, através dos “olhos de Paulo”.

⁸¹ Tradução de: “In the social sciences, accusations of demon possession are discussed under the technical label of ‘witchcraft accusations’, a term which allows them to be examined and interpreted in a critical way according to accepted social science methods, which will be the formal perspective of this study”.

⁸² Tradução de: “Modern Westerners find it difficult to take seriously not only belief in demon possession but also in witches who work evil, an indication that we perceive our world quite differently from Jesus, Paul, the four evangelists, and other NT writers. Yet if we are to see the world through Paul’s eyes and appreciate the full force of ‘bewitch’ in Gal 3,1, we must turn to the social sciences to find appropriate categories to examine Paul’s world and adequate models to appreciate the typical function that ‘witchcraft accusations’ played in the Mediterranean world, even in the NT. All of the linguistic parallels we find still need some heuristic model to allow us to see them in their proper cultural perspective.”

Talvez o texto que mais reflita uma transição entre atribuir ao verbo βασκαίνω seu sentido mágico ou continuar considerando-o como metafórico ou um argumento auxiliar para a retórica paulina é o de Susan Eastman (2001):

“Este trabalho terá uma abordagem diferente. Meu argumento será que o verbo βασκαίνω realmente tem função no apelo de Paulo aos seus gálatas convertidos, mas como um eco intertextual que evoca a maldição deuteronomica que ocorre em Deut. 28,53-57,3. Seja através da pregação dos mestres da observância da lei, que vieram às igrejas da Galácia, ou através do próprio Paulo, os gentios conversos aprenderam sobre as bênçãos da obediência e as maldições da desobediência à lei de Moisés, tal como definido adiante em Deut. 27-28. Entre as maldições está aquela em que os pais têm fome em uma cidade sitiada e ‘lançam o olho do mal’ em seus parentes mais próximos⁸³”. (EASTMAN, 2001. p. 69-70).

A proposta da autora é bem clara e encontra principal fundamento na ocorrência do termo βασκαίνω, além daquela de Gl. 3,1, nos textos de Dt 28,54.56 e Ecl 14,6.8 como únicas ocorrências em toda a Bíblia. Seu texto de qualidade inquestionável quer defender o uso intertextual de Paulo e, para isso, Eastman desenvolve um longo trabalho de argumentação para dar sustentação à sua hipótese. Não há dúvidas que é o procedimento com mais fôlego entre todos que buscaram comentar o texto sem a ele atribuir sentido mágico.

É certo que a autora conhece esse sentido:

“No uso geral βασκαίνω pode se referir a lançar mau-olhado ou inveja ou se comportar de forma miserável, isso pode indicar uma acusação de feitiçaria real, e pode funcionar como um *topos* retórico familiar para desacreditar os oponentes⁸⁴”. (EASTMAN, 2001. p.69).

Porém, com argumentação consistente, prefere atribuir ao verbo outro sentido:

“No primeiro nível, como um eco de Deut. 28,53-57, Gal. 3,1 pode ser traduzido como: ‘Vocês, insensatos gálatas! Quem os colocou sob a maldição,

⁸³ Tradução de: “This paper will take a different approach. My argument will be that the verb βασκαίνω does indeed function within Paul’s appeal to his Galatian converts, but as an intertextual echo which evokes the Deuteronomic curse in which it occurs in Deut. 28.53-57.3 Whether through the preaching of the law-inscribing Teachers who have come into the Galatian churches, or through Paul himself, the Gentile converts have learned about the blessings of obedience, and the curses for disobedience to the law of Moses, as set forth in Deut. 27-28. Among those curses is one in which starving parents in a besieged city ‘cast the evil eye’ on their next of kin”.

⁸⁴ Tradução de: “In general usage βασκαίνω may refer to casting an evil or envious eye or behaving in a miserly way, it may indicate an actual accusation of witchcraft, and it may function as a familiar rhetorical topos to discredit one’s opponents”.

ante cujos olhos Jesus Cristo foi retratado publicamente como crucificado?’ Isto antecipa o tema da maldição em 3,10-14, e de Cristo crucificado como o amaldiçoado, aquele que é o antídoto para a maldição em 3,13. A tradução de βασκαίνω simplesmente como ‘enfeitiçado’ no sentido de um danoso, sinistro ou ciumento olhar, implicaria que Paulo tem a cruz de Cristo como um antídoto para o mau-olhado, semelhante à proteção oferecida por amuletos, encantamentos e gestos. No entanto, se lermos Gal. 3.1 em contexto com Deut. 28,53-57 então Cristo crucificado é apresentado aqui não apenas como o antídoto para o mau-olhado, mas como o antídoto para a maldição do qual o mau-olhado é apenas uma manifestação. Assim como amuletos absorvem o poder nocivo do olhar hostil, assim Cristo na cruz absorve o poder nocivo da maldição. Desta forma, Cristo abre o caminho tanto para a recepção e a presença contínua do Espírito, que conduzirão os Gálatas da infância vulnerável à maturidade (3,2-5)⁸⁵. (EASTMAN, 2001. p. 72).

Esse argumento de Eastman parece indicar sua motivação ao interpretar a passagem de Gl 3,1 tal como ela propõe, ou seja, o incômodo em vincular a imagem de Cristo crucificado com qualquer aspecto mágico. A postura metodológica da autora consiste em, a despeito das evidências que ela apresenta da crença no mau-olhado no contexto mediterrânico antigo, entender o uso de Paulo baseando-se em uma leitura canônica do tema.

A postura da autora parece indicar que, mesmo imersos em uma cultura em que a magia está amplamente disseminada, a força da tradição de um texto que sequer canônico era no século I e.c. sobrepuja às interações culturais dos “crentes” gálatas com sua realidade contextual.

A partir dessa postura metodológica, seu texto, baseado em uma teoria consistente quer estabelecer fronteiras entre a realidade cultural dos destinatários e a “pureza” da pregação de Paulo. Fica, então, bastante evidente como essa transição entre a percepção de um ambiente mágico e a força da tradição se impõe a alguns estudiosos bíblicos.

⁸⁵ Tradução de: “On the first level, as an echo of Deut. 28.53-57, Gal. 3.1 might be translated as: ‘You foolish Galatians! Who has put you under the curse, you before whose eyes Jesus Christ was publicly portrayed as crucified?’ This anticipates the theme of the curse in 3.10-14, and of Christ crucified as the cursed one who is the antidote to the curse in 3.13. The translation of βασκαίνω simply as ‘bewitched’ in the sense of a harmful, sinister or jealous gaze, would imply that Paul holds up the cross of Christ as an antidote to the evil eye, similar to the protection afforded by amulets, incantations and gestures.⁵ However, if we read Gal. 3.1 in the context of Deut. 28.53-57, then Christ crucified is presented here not merely as the antidote to the evil eye, but as the antidote to the curse of which the evil eye is but one manifestation. Just as amulets absorb the harmful power of the eye’s hostile gaze, so Christ on the cross absorbs the harmful power of the curse. In this way, Christ opens the way for both the reception and the ongoing presence of the Spirit, who will lead the Galatians from vulnerable childhood to maturity (3.2-5).”

1.3.

Resgate, aprofundamento e outros olhares para o texto a partir de um contexto mágico.

Observando agora um texto citado por Eastman e tantos outros estudiosos que desse tema se ocuparam, no século XX, na década de 90⁸⁶, o estudioso John Elliott também se lançou no estudo do tema sob a seguinte justificativa:

“Esta carta, porém, é importante por outra razão. Ela fornece evidências reveladoras do mundo social e cultural que Paulo e seus contemporâneos habitavam. Este era um ambiente marcado pela constante competição e conflito, visto como um mundo habitado por demônios e seres humanos com poderes extraordinários que desempenhavam um papel regular e ameaçador nos encontros humanos, um mundo no qual as forças misteriosas de magia, bruxaria e mau olhado estavam por toda parte em atividade⁸⁷.” (ELLIOTT, 2008. p.223).

O aspecto fundamental para Elliott é, portanto, o entendimento do constante conflito e disputa entre os diversos grupos religiosos da época. Esse conflito tinha suas bases estabelecidas na ausência de fronteiras do que é sobre-humano. Por isso, diz Elliott,

“Minha intenção neste ensaio é enfocar um aspecto desse mundo mágico que recebe particular expressão na Carta de Paulo aos Gálatas: a convicção onipresente na antiguidade mediterrânea, relativa ao poder maligno do mau-olhado e as forças destrutivas de seus diferentes portadores⁸⁸.” (ELLIOTT, 2008. p.223).

⁸⁶ O texto original de Elliott foi o seguinte: ELLIOTT, John H. **Paul, Galatians and the Evil Eye**. In: *Currents in Theology and Mission* 17 (1990). p.262-273. Porém, a obra aqui consultada (NEYREY & STEWART, 2008) é o resultado de uma coletânea de artigos publicada pelos membros do “Context Group”. Associação de estudiosos norte-americanos que propõe a análise e interpretação do texto bíblico, bem como o cristianismo originário, a partir de uma contextualização das experiências históricas em seu ambiente original. O método para esse procedimento é o das ciências sociais, tais como sociologia, antropologia, est.

⁸⁷ Tradução de: “This letter, however, is valuable for another reason. It provides revealing evidence of the social and cultural world that Paul and his contemporaries inhabited. This was an environment marked by constant competition and conflict, a world viewed as inhabited by demons and humans with extraordinary powers who played a regular and threatening role in human affairs, a world in which the mysterious forces of magic, witchcraft, and the evil eye were everywhere at work”.

⁸⁸ Tradução de: “My intention in this essay is to focus on one aspect of that magical world that receives particular expression in Paul’s Letter to the Galatians: the omnipresent conviction in Mediterranean antiquity concerning the malignant power of the evil eye and the destructive powers of its various possessors”.

Ao situar o problema a ser estudado, ou seja, “um aspecto desse mundo mágico” de “particular expressão na Carta de Paulo aos Gálatas”, Elliott não deixa dúvidas quanto ao diálogo de Paulo com esse ambiente mágico, bem como a constante presença desse tema na experiência religiosa das comunidades de então. Enquanto Neyrey aponta essa questão de forma semelhante, mas considerando a peculiaridade de um modelo sociológico baseado nas “acusações de feitiçaria” e, portanto, não sendo taxativo em estabelecer esse ambiente mágico, Elliott não deixa dúvidas:

“Nas palavras de abertura do capítulo 3 de Gálatas, Paulo faz referência direta a esta crença, quando afirma, ‘Oh gálatas insensatos, que tem perturbado vocês com o olho do mal?’ (3,1). O verbo que se emprega aqui, *βασκαίνω*, como Bauer *et al.* (1979) indicam, é o termo convencional utilizado em todo o mundo helenístico de lesão e encantamento com o mau-olhado. Sua ocorrência aqui, juntamente com várias outras alusões às características de crença e prática do mau-olhado, deixa claro que a acusação e contra-acusação sobre o olho mal desempenhou grande importância no conflito gálata⁸⁹.” (ELLIOTT, 2008. p.223).

Assim, pela primeira vez, na história da interpretação de Gl 3,1, um autor situa precisamente sobre que base está estabelecido o conflito e a importância que desempenha na interpretação global da Epístola. Dessa contribuição heurística de Elliott em diante percebe-se significativa mudança no tratamento da questão do ambiente mágico do texto. Porém, convém sublinhar, como já demonstrado acima, que não se trata de uma compreensão gradativa para a interpretação da carta, mas sim a que postura metodológica cada comentarista adota ao se aproximar desse texto.

Após as incisivas afirmações de Elliott sobre o tema relativo à Gl 3,1, no ano 2000, o professor norte-americano, Mark Nanos, publicou também um trabalho que discute o contexto social da mensagem de Paulo aos Gálatas, a partir do alerta de mau-olhado feito pelo Apóstolo aos seus ouvintes. Considerado pela

⁸⁹ Tradução de: “In the opening words of chapter 3 of Galatians Paul makes direct reference to this belief when he states, ‘O foolish Galatians, who has afflicted you with the evil eye?’ (3,1). The verb that he employs here, *βασκαίνω*, as Bauer *et al.* (1979) indicate, is the conventional term used throughout the Hellenistic world for in-jury and bewitchment with the evil eye. Its occurrence here, together with several other allusions to features of evil-eye belief and practice, makes it clear that accusation and counteraccusation concerning the evil eye play a greater role in the Galatian conflict than is generally realized”.

crítica especializada o autor de maior destaque⁹⁰ atualmente no assunto referente à Epístola paulina, seus estudos nessa temática tiveram início já no ano 2000, quando, por ocasião de seu doutoramento, defendeu a tese: “**The Intra-Jewish Context of Galatians: Identifying the Players and Situation Implied in Paul’s Letter of Ironic Rebuke**” Ph. D. Dissertation at University of St. Andrews, Scotland, 2000.

O texto, aqui em questão, de Nanos (2000) quer demonstrar a importância de considerar a dinâmica implícita na “acusação de mau-olhado” para a compreensão global da carta de Paulo aos Gálatas. Diferentemente de Neyrey (1988), Nanos não parte de uma categoria sociológica definida para explorar a questão. Antes, sua preocupação é, sob um ponto de vista antropológico, compreender no que implica a advertência de Paulo aos seus endereçados.

Assim, a partir do “sistema de crença no mau-olhado” (NANOS, 2000. *passim*) seu objetivo é:

“Este estudo irá avaliar a dinâmica básica do sistema desde a antigüidade até os tempos atuais, especialmente o medo da inveja que o conduz, e, em seguida, considerar as implicações para a interpretação, inclusive as crenças e táticas de Paulo, a identidade dos destinatários e aqueles que os estão influenciando, a situação na Galácia e o estilo e a mensagem da carta⁹¹.” (NANOS, 2000. p.1).

O interessante é notar que, no texto de Nanos, sequer há uma brecha para desconsiderar o significado imediato do verbo βασκαίνω como diferente daquele referente ao mau-olhado. Ele ainda considera algumas linhas para a etimologia ou

⁹⁰ Para evidências desse destaque de Nanos no tema sobre Gálatas, ver a notícia publicada em seu site pessoal <www.marknanos.com>, acessado em 05 de Janeiro de 2010: “Eu contribuí para um livro apresentado ao Papa Bento XVI para celebrar a sua dedicação ao ‘Ano do Apóstolo Paulo’ (Junho 2008 - Junho 2009). O livro é um manuscrito ilustrado espantosamente bonito, que pode ser visto no site, *Codex Pauli*. Meu ensaio é intitulado ‘Paulo e o Judaísmo’. Está nas páginas 54-55 do volume.” Tradução de: “I contributed to a book presented to Pope Benedict XVI to celebrate his dedication of ‘The Year of the Apostle Paul’ (June '08 - June '09). The book is an astonishingly beautiful illustrated manuscript, which can be seen at the web site, *Codex Pauli*. My essay is entitled ‘Paul and Judaism’. It is on pages 54-55 in the volume.” Além desse ensaio, tem publicado muitos textos relacionados a Gálatas em outras coletâneas, como em AUNE, 2010, Oxford Bibliographies Online, 2010, entre outros. Convém ainda citar o mais recente e completo trabalho em torno de Gálatas, por ele editado, NANOS, 2002 (a), bem como um completo comentário à carta em NANOS, 2002 (b). O volume de publicações em si já diz muito sobre o autor, bem como o destaque que essas publicações têm em meio acadêmico.

⁹¹ Tradução de: “This study will evaluate the basic dynamics of the system from antiquity to present times, especially the fear of envy which drives it, and then consider the implications for interpretation, including Paul’s beliefs and tactics, the identities of the addressees and those influencing them, the situation in Galatia, and the style and message of the letter”.

sentidos possíveis em várias culturas para o verbo, e é taxativo: trata-se do “sistema de crença no mau-olhado”. Ainda, o que o professor norte-americano empreende são extensas listas de autores, ao longo da história da interpretação, que, cada um a seu modo, interpretaram ou discutiram o texto e o verbo.

Com sua abordagem, Nanos identifica várias implicações exegéticas e hermenêuticas a partir da consideração da presença do tema do mau-olhado na passagem, que vai desde Paulo e os que influenciavam os destinatários até a identificação dos destinatários, a sua situação, o conteúdo da carta e consequências para os intérpretes da carta:

“Parece que o intérprete que considera a semântica de uma acusação de mau-olhado, em meio à abordagem de Paulo da crise entre os gálatas, terá de enfrentar a poderosa dinâmica social que está implicada no texto. Talvez o intérprete seja capaz de fornecer uma hermenêutica trans-cultural que contemple um compromisso de avanço no respeito mútuo, ao invés de contribuir para os danos que resultaram todos, inúmeras e continuadas vezes, fora do contato entre o sistema de crenças e o contexto situacional, a retórica de difamação⁹²”. (NANOS, 2000. p.32).

Esse lapidar parágrafo com que Nanos encerra seu texto é consonante com a postura que tem orientado os estudiosos na interpretação desse texto de Gálatas. Ao longo do presente trabalho também foi possível observar o desprezo de alguns pelo contexto mágico originário, a negligência de outros e a *mea culpa* dos demais em não se aprofundar na questão. Fundamentalmente, o parágrafo quer advertir aos estudiosos que se ocuparam dessa perícopes que a difamação àqueles por trás da acusação paulina (judeus, na esmagadora maioria das vezes, se não todas) não devem ou não precisam ser simplesmente rotulados como “inimigos”.

A intenção de Nanos é propor uma leitura hermenêutica trans-cultural que permita o intérprete compreender que dinâmica social está por trás do texto. Essa proposta, que vai além da simples difamação, é alicerçada em um profundo estudo científico que busca remontar o contexto originário da passagem.

⁹² Tradução de: “It seems that the interpreter who considers the semantics of an evil eye accusation in the midst of Paul’s approach to the Galatian crisis will have to face the powerful social dynamics that are implied in the text. Perhaps the interpreter can provide a cross-cultural hermeneutic that holds some promise for advancing mutual respect, instead of contributing to the harm that has resulted all too often from continuing, out of touch with both the belief system and situational context, the rhetoric of vilification”.

Dando seqüência ao tema de uma “hermenêutica trans-cultural” e “avanço no respeito mútuo”, em 2007, no Brasil, um instigante texto é publicado por André Chevitarese e Gabriele Cornelli (2007). Muito embora esse material não tenha tido acesso aos trabalhos de Elliott e Nanos, as conclusões a que chega são muito semelhantes. Fato esse que comprova a tese já enunciada exhaustivamente no presente trabalho, que demonstra que a leitura e interpretação dos textos bíblicos nada têm a ver com um percurso gradativo e histórico da interpretação e compreensão, mas sim com a postura metodológica a partir da qual o estudioso se aproxima do tema.

Segundo Chevitarese e Cornelli (2007), o verbo βασκαίνω “pode ser associado às passagens e às representações imagéticas relacionadas com a crença no olho mau” (CHEVITARESE e CORNELLI, 2007. p.72). Partindo dessa premissa, assim traduzem o texto desse estudo:

“Ó Gálatas insensatos! Quem vos amarrou/enfeitiçou, ante cujos olhos foi claramente exposto Jesus Cristo cravado na cruz?.” (CHEVITARESE e CORNELLI, 2007. p.72).

Para esses autores, não há discussão que a crença no olho mau é amplamente difundida no Mediterrâneo antigo. Porém, as traduções bíblicas para o português ocultaram, de certa forma, o sentido original do termo empregado por Paulo:

“Embora o verbo ‘fascinar’ esteja diretamente conectado com o universo mágico, ele parece ter perdido este primeiro sentido, sendo aplicado com mais freqüência no campo amoroso (o que não deixa de ser também, neste caso, mágico). Da mesma forma o substantivo feminino ‘fascinação’: o seu uso, no dia a dia, torna-se quase sinônimo de atração irresistível, de paixão devoradora, remetendo-o novamente ao campo amoroso ao invés de mágico. Por mais que uma pessoa não considere as implicações mágicas do verbo ‘fascinar’ no momento em que o emprega, este verbo indiscutivelmente tem as suas raízes no universo mágico, no contexto do mau-olhado, do encantamento, do subjugar com os olhos, do dominar por encantamento, do prender com feitiços. Como observou Esler (1994,20), a palavra *báskanos* está diretamente conectada com o ato de afetar alguém com o olho mau (ver, também: Bailly, 1950:352; Bernand, 1991:98). Deve ser ainda observado que a referida citação não apenas estabelece uma flagrante oposição entre o olho mau (que busca causar estragos na vida e nos bens do outro) e a mensagem proclamada por Paulo (que trouxe para os olhos dos gálatas a imagem de Jesus Cristo crucificado, símbolo da vitória sobre todos os agentes causadores da derrota e da morte), como, também, sugere que este apóstolo e os próprios gálatas acreditavam na existência e na eficácia desta prática mágica”. (CHEVITARESE e CORNELLI, 2007. p.74-75).

Dessa forma, em contexto brasileiro, é a primeira vez que uma obra identifica o caráter indiscutivelmente mágico do texto paulino. Muito embora se identifique em alguns outros autores a preocupação em contextualizar a passagem em seu ambiente originário, há certo incômodo ao, após uma situação do texto em seu contexto primevo, assumir o significado literal que os textos devem assumir. Nesse sentido, Elliott, Nanos e Chevitarese inauguram não somente uma novidade na interpretação bíblica, mas também estabelecem uma metodologia consistente na aproximação exegética e hermenêutica do texto bíblico.

É a partir dessa metodologia e dessa postura científica que se insere a presente pesquisa, rumo à demonstração, em contexto paulino originário, da dinâmica cultural dos primeiros cristãos que dialogavam amplamente com as culturas de seu tempo e, por consequência, com o aspecto mágico intensamente difundido nessas sociedades antigas.